

APRESENTAÇÃO

Olho d'água, v. 10, n. 2, 2018 – dez anos

Com este número dois da **Olho d'água**, completamos a comemoração dos dez anos de existência da revista. Neste número, além das tradicionais seções *Varia* e *Dossiê*, apresentamos uma novidade: a seção *Tradução Comentada*.

A seção *Varia* conta com cinco artigos. Passemos à sua apresentação:

No artigo “Mimesis e realismo no romance contemporâneo: uma leitura de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato”, Júlia de Mello Silva Oliveira e Rejane C. Rocha avaliam o romance objeto de estudo como texto que propõe uma solução especial para o problema, característico do séc. XX e da contemporaneidade, da exaustão das formas da ficção. Problematizando a construção do romance, as autoras destacam o fato de que ele recicla, enciclopedicamente, as tendências ficcionais posteriores à crise da representação do final do séc. XIX por meio da materialização da consciência narrativa sobre a relatividade da mimesis do real.

Em “Cenas e artimanhas de Campos de Carvalho, leitor de Jarry”, Victor da Rosa explora afinidades escriturais entre o autor de *A lua não vem da ásia* e o autor de *Ubu rei*. O eixo para o desenvolvimento da análise das obras dos dois escritores é a noção de ‘patafísica, criada por Jarry, e definida como “ciência das exceções e das soluções imaginárias”. Desse modo, realiza uma releitura de *O púcaro búlgaro*, de Campos de Carvalho, por meio dos modos de apropriação da imaginação de um “lugar nenhum” registrada por Jarry em seu *Ubu rei*. Além disso, investiga alguns fundamentos das derivas temporais que constituem um traço marcante no romance de Campos de Carvalho, concebido, na abordagem do articulista, como uma espécie de “máquina do tempo”. Por meio de tais abordagens analíticas, o artigo destaca a maneira singular como o autor brasileiro reelabora a ‘patafísica ao representar a Bulgária como um lugar puramente imaginário.

No artigo “O espírito livre e a crítica ao conceito de consciência em Nietzsche relacionados à concepção do mundo presente na obra de Clarice Lispector”, Nícolas Pelicioni de Oliveira relaciona a mundivisão que caracteriza a literatura da escritora brasileira com alguns conceitos filosóficos discutidos por Friedrich Nietzsche, destacando conceitos e ideias como espírito livre, crítica ao conceito de consciência, revalorização do instinto, e demonstrando que aquilo que em Nietzsche se caracteriza como uma impossibilidade para a filosofia, em Lispector se realizará como literatura.

Já em “Tramas da narrativa: espaço, tempo e inconsciente político”, Vitor Soster realiza uma análise da introdução de *O som ao redor*, filme de Kleber Mendonça Filho, propondo uma discussão do conceito de foco narrativo, que é investigado no tocante ao caráter relacional estabelecido entre o destinador (autor implícito e narrador) e o destinatário (leitor/espectador implícito e narratário). A discussão proposta é realizada a partir da distinção dos elementos constitutivos da narração – desde aqueles mais tradicionalmente estudados, como o espaço e

o tempo, até aqueles ainda pouco considerados como o inconsciente político. Desse modo, o artigo põe em relevo o sentido social das tramas narrativas, avaliando a sua importância para pensar a contemporaneidade.

No artigo “Minotauro vs. Godzilla: sincretismos greco-nipônicos em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de João Paulo Cuenca”, Rafael Felipe dos Santos e João Luis Pereira Ourique tomam como objeto de estudo os quatro capítulos do romance do escritor brasileiro dedicados à boneca Yoshiko, demonstrando que, nesses capítulos, são mobilizados referenciais da Antiguidade greco-latina (concepções, mitos e personagens do imaginário pós-helênico) para a promoção de um sincretismo com elementos clássicos e populares da cultura japonesa (a poesia tanka, o consumo de peixe fugu, etc.). Decorrente de um projeto que levou escritores brasileiros a metrópoles de diversos países, o romance *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, como destacam os autores a partir da análise dos capítulos dedicados à boneca Yoshiko, afirma o sincretismo como tentativa de interpretação de signos que problematizam as relações eu X outro e, com isso, apontam para a instabilidade constitutiva da noção de cultura.

Por fim, em “A narradora-ouvinte e as técnicas de encaixe de focos narrativos em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo”, Davi Nunes dos Reis e Thiago Martins Prado abordam o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, destacando, nele, as técnicas de encaixe de focos narrativos para demonstrar como os movimentos da voz narrativa – que passa da narradora-ouvinte para as personagens-narradoras – fazem emergir no texto vozes historicamente interditas.

A seção *Dossiê*, organizada pela Prof^a Dr^a Maria Celeste Tommasello Ramos e pelo doutorando Pedro Henrique Pereira Graziano, intitula-se “Itália e Brasil na literatura: visões, diálogos e comparações”, e conta com 11 textos: oito artigos, sendo dois deles acompanhados de suas respectivas traduções do italiano para o português, e a nova seção *Tradução Comentada*, que conta com cinco poemas inéditos em italiano acompanhados de sua tradução comentada para o português. Com autores brasileiros e estrangeiros, os textos abordam diversos e interessantes aspectos de obras que se instalam num horizonte de diálogo entre as literaturas e as culturas brasileira e italiana. Remetemos o leitor para a *Apresentação* que precede o Dossiê, escrita pelos organizadores.

Destaque-se, por fim, o fato de que, em razão do grande número de artigos recebidos para a composição do dossiê Itália e Brasil, optamos pela publicação de um segundo dossiê voltado para a mesma temática no primeiro semestre de 2019, que também contará com a editoria da Prof^a Dr^a Maria Celeste Tommasello Ramos e do doutorando Pedro Henrique Pereira Graziano.

Agradeço, com especial destaque aos editores responsáveis pela organização do *Dossiê* “Itália e Brasil na literatura: visões, diálogos e comparações”, a todos os que colaboraram para a produção deste número da Revista **Olho d’água**, que celebra o seu primeiro decênio com esperança de poder ter continuidade.

Arnaldo Franco Junior